

Alto do Moinho dá exemplo de «amor à camisola»

Paula Bravo

Como se passa de uma pequena sala alugada, para um projecto de instalações que compreende um pavilhão polidesportivo que dentro em pouco será sem dúvida realidade, ou seja, como se transforma uma pequena colectividade e meia dúzia de sonhos, (tantos como os dinheiros), numa força com influência na sociedade em que está inserida?

Carolice, amor à camisola, boa vontade, são algumas das respostas, comuns ao movimento associativo. São as que nos dão Joaquim Coelho, José Amador e Jorge Araújo, dirigentes do Centro Cultural e Recreativo do Alto dos Moinhos (CCRAM).

Esta carolice tem um início. Neste caso a vida da colectividade começou no dia 29 de Abril de 1975, data em que foi feita a escritura. Mas as portas, essas só abriram em Outubro do mesmo ano e na vastíssima colecção de taças, expostas na sala de reuniões, a taça mais pequena «o copinho» como lhe chamam assinala a efeméride e a primeira vitória da recém-formada colectividade.

Neste momento o CCRAM tem 1200 sócios e 900 atletas. Um número significativo para Alto dos Moinhos e que causa algumas dificuldades. A primeira é a das instalações. Devido à falta de um pavilhão polidesportivo os atletas, que se repartem em numerosas actividades tais como andebol, ginástica, dança jazz, futebol de salão, badminton, ténis de mesa, atletismo e karaté, são obrigados a recorrer a praticamente todas as salas da freguesia que permitam a actividade física.

Essas deslocações, e as que decorrem das participações em provas desportivas são o outro grande problema da colectividade, confrontada com um orçamento anual de cerca de 20 mil contos.

Campeões de andebol

O andebol é a actividade desportiva que mais êxitos tem obtido para a colectividade, que se orgulha de títulos e vitórias. Mas levar o desporto a todos, é como nos dizem estes dirigentes «bastante difícil». A



Dirigentes do Centro Cultural e Recreativo do Alto do Moinho: «ideias há muitas»...

falta de patrocínios das empresas do distrito de Setúbal é uma das razões.

«O distrito de Setúbal é um distrito em crise e os clubes sofrem esse efeito. Isso faz com que não haja desporto para todos, criam-se elites» — afirma Jorge Araújo.

Contra esta corrente não rema, como se sabe, o Poder Central. Há já alguns anos que esta colectividade foi considerada de «utilidade pública». Os dividendos recolhidos dessa classificação são no entanto sumários: «algumas isenções fiscais, como a taxa da TV, imposto de selo», diz-nos Joaquim Coelho.

Em troca, muito recentemente o Poder Central tornou as colectividades responsáveis pelo policiamento das suas áreas desportivas e também pelo seguro dos seus atletas. Duas situações, que para uma colectividade como a do Alto dos Moinhos, com praticamente um milhar de atletas é insustentável.

Uma das soluções encontradas pelo CCRAM foi a de criar o seu próprio centro médico. Durante o dia, o centro médico está ao dispor de toda a população, à noite serve os atletas.

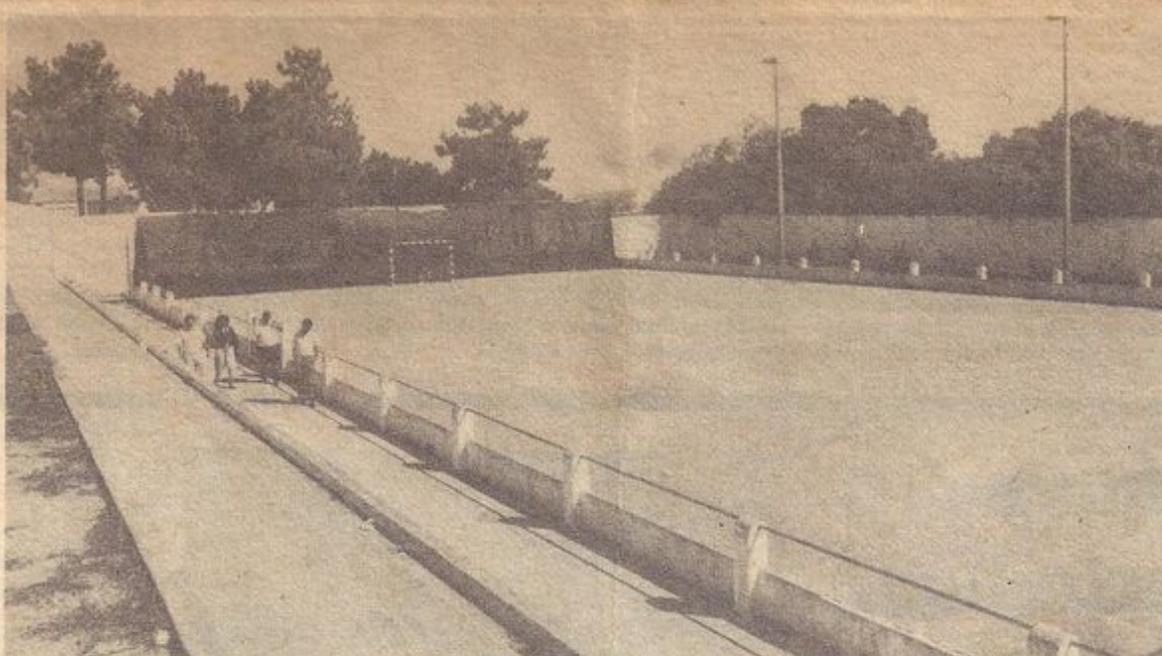
Esta é uma lógica que se estende a todas as secções da co-

lectividade — a de abertura a toda a população. Uma lógica e uma acção que só têm sido possível, dizem-nos os responsáveis do CCRAM graças à ajuda do Poder Local, nomeadamente a Câmara Municipal do Seixal.

Esse apoio tem sido imprescindível também para as actividades culturais da colectividade. Confessam os nossos interlocutores que com a «cultura é mais difícil». Quer isso dizer que «é mais fácil mobilizar as pessoas para o desporto ou para as actividades recreativas, para um baile, para abanar a carola» do que para outro tipo de actividades.

A biblioteca da colectividade, por exemplo, não é dos sítios mais frequentados. Cabe ao grupo «Proarti», um grupo de jovens que trabalha com a colectividade, a tarefa de inverter a situação. Têm tido bons resultados, segundo os dirigentes do CCRAM. Uma exposição, espectáculos de rock e de fados, foram algumas das suas mais recentes iniciativas.

Para o futuro ideias não faltam. «Ideias há muitas, são é difíceis de concretizar para uma colectividade», diz Jorge Araújo. Para já, no Alto dos Moinhos, sonha-se com o pavilhão. «Depois valores mais altos se levantarão» — garantem-nos.



... e as obras avançam